

# O filho

*Michel Rostain*

Traduzido do francês por  
Luísa Feijó

**SEXTANTE EDITORA**  
Ficção



*Procurar ainda palavras  
Que dizem alguma coisa  
No sítio onde se procuram pessoas  
Que já não dizem nada*

*E encontrar ainda palavras  
Que sabem dizer alguma coisa  
No sítio onde se encontram pessoas  
que já não podem dizer nada?*

ERICH FRIED

O meu pai está a descobrir coisas. Por exemplo, não passar um dia sem chorar durante cinco minutos, ou três vezes dez minutos ou uma hora inteira. É uma novidade. As lágrimas param, correm pelo rosto, voltam a parar, e tudo recomeça, etc. Diferentes variedades de soluços, mas nunca um dia sem eles. Isto dá à vida uma estrutura diferente. Há lágrimas súbitas – um gesto, uma palavra, uma imagem e elas brotam. Há lágrimas sem causa aparente, que surgem estupidamente. Há lágrimas de gosto desconhecido, sem soluços, sem a careta habitual, mesmo sem fungadelas, só lágrimas que correm.

É sobretudo de manhã que ele tem vontade de chorar.

No décimo primeiro dia depois da minha morte, o meu pai foi levar o meu edredão à lavandaria. Subir a rua do Couédic, com os braços cheios da minha roupa de cama, de nariz enfiado nela. Diz para consigo que está a respirar o meu cheiro. A verdade é que aquilo

fedo; eu nunca tinha mandado lavar aqueles lençóis, nem aquele edredão. Dias, meses e meses que dormia dentro daquela roupa. Isso já não o choca. Pelo contrário. Subsiste ainda alguma coisa de mim nas dobras brancas que leva para a lavanderia como quem leva os santos sacramentos. O meu pai chora, de nariz enfiado no algodão. Evita os olhares, faz muitos mais desvios do que o necessário, vira à direita, na rua Obscure, desce depois, não, sobe a rua Le Bihan, rua Émile Zola, os Halles, quatrocentos metros em vez dos cem necessários, vai aproveitando. Dá mais uma snifadela ao edredão e finalmente empurra a porta da loja.

Yuna de la Friche está lá, insere moedas na máquina de lavar automática, o meu pai já não pode arrastar-se. Pêsames, etc. O dono da lavanderia – repêsames, etc. – tira o edredão dos braços do meu pai. O pai bem que gostaria que tudo levasse mais tempo, uma fila de espera, um telefonema de um cliente, uma entrega, uma tempestade, nem que fosse apenas o tempo suficiente para respirar um pouco mais os fiapos do meu cheiro. O meu pai despoja-se, vai perdendo, vai perdendo.

De regresso a casa, encontra a cadela a morder as minhas pantufas. Também ali há cheiros. Pai, não me digas que também queres lutar com a Yanka para te pores a roer as minhas pantufas fedorentas, não?!

Até quando reconhecerá a cadela o meu cheiro? Verificar dentro de três meses: cem dias é, ao que parece, a duração do estado de graça dos novos chefes de Estado. O estado de graça de um novo morto, o tempo em que

tudo faz pensar nele, em que basta a evocação do seu nome para fazer chorar, quanto tempo dura? Cem dias, um ano, três anos? Vamos poder medi-lo objetivamente. Durante quanto tempo se precipitará a Yanka sobre os meus sapatos para lhes roer o cheiro e o couro? Quando chegará o momento em que o meu pai e a minha mãe deixarão de buscar piedosamente por todo o lado o menor vestígio meu? Até quando mergulharão quase afanosamente naquilo que os faz chorar? Presidirei eu ainda muito tempo a todos os instantes da vida deles, sem uma única exceção? Interrogações interessantes. Pai, confessa que também tu, entre dois soluços, por vezes te questionas, como se lançasses um olhar incongruente àquele futuro que a minha morte vos faz esquecer.

Caos no teu mundo novo. Pai, és herdeiro e a herança não é grande coisa. «Bons sonhos, meu amor, a tua Nanie que te adora. Boa noite, minha doninha pequenina.» O pai fica um pouco envergonhado ao descobrir nas mensagens guardadas no meu telemóvel uma das alcunhas carinhosas com que me tratava a minha namorada. Mas não consegue evitar, mexe, remexe em tudo o que eu deixei. Que ela diga que me ama, obviamente, era coisa com que ele contava. Que tenha de adivinhar que eu a tratava por «minha Nanie», nenhum problema. A alcunha «doninha», essa incomoda-o. Vai ter de fazer uma investigação sobre as doninhas. Porque é que a Marie me chamava doninha? Porque eu lhe mordiscava as orelhas, os lábios, os seios? O Google diz que a doninha é um animal noturno. É porque eu me deitava a más horas?

O meu pai não gosta de alcunhas. Nunca saberás porquê «doninha pequenina» – a não ser que confesses à Marie que leste as mensagens que ela me mandava. Espantar-me-ia que te atrevesse a isso tão cedo.

Existe, também, encontrada esta noite mesmo nas entranhas do telemóvel, aquela mensagem datada de 26 de setembro passado, um mês antes da minha morte: «Estrela da redenção, bom Lion, *news*: Reims, doravante, e pelo prazer de estudar a catedral.» O meu pai descodifica febrilmente. Esta mensagem tem de certeza que ver com aquela minha viagem a Amesterdão que, mesmo antes de morrer, fiz com o Romain. Eu tinha mentido. Tínhamos contado que íamos a Reims. O pai e a mãe teriam flipado se eu lhes dissesse que na realidade ia ao paraíso da ganza – programa incontornável para um rapaz de vinte e um anos, tu fizeste o mesmo, pai, há quarenta anos, não? Depois da Holanda, o Romain passou mesmo por Reims. Eu voltei para a Bretanha, para entregar o automóvel que a custo tinha conseguido que me emprezassem. Foi de Reims que o Romain me enviou o SMS.

É no entanto enigmática aquela «estrela da redenção». Levarás anos até te atreveres a perguntar ao Romain. Hoje só herdas enigmas.

Quando perguntavam ao meu pai qual era o seu signo astral, ele tinha um risinho trocista. Dizia que se estava perfeitamente nas tintas para o seu signo do zodíaco e, mais ainda, para o seu ascendente. Acrescentava que só sabia uma coisa, o nome do seu descendente: «Lion», eu. Hoje, que acabo de morrer, o meu pai já não tem nada, nem ascendente nem descendente.

A 29 de outubro de 2003, às 12h45, eu tinha consulta marcada no serviço universitário de medicina preventiva. O problema é que morri a 25 de outubro, quatro dias antes. Há quanto tempo tinha marcado essa consulta? É isso que o meu pai pergunta a si mesmo. Aquele cartão, tinha-o visto duas vezes, três até, talvez, desde que teima em arrumar os meus papéis numa ordem compreensível. «Medicina preventiva universitária»: era tudo o que ele via no pequeno impresso que eu tinha guardado: «Medicina preventiva universitária, 29 de outubro às 12h45 com a Dr.<sup>a</sup>...» Está escrito «Cons. com Dr.<sup>a</sup>...» seguido por pontinhos em branco, sem menção do nome.

Ele está no caos da sua primeira semana de luto, quando as cerimónias já tiveram lugar e os amigos se foram embora. Solidão, é aí que começa verdadeiramente a morte. O meu pai passou o dia a escolher as minhas coisas, a chorar entre dois telefonemas, a assoar-se abundantemente sem sequer invocar o pretexto da alergia ao pó. Resigna-se a deitar fora os meus velhos livros do primeiro e do segundo anos, depois de ter lido meticulosamente aquelas nulidades acumuladas, não fosse acontecer que entre um livro de inglês e um de matemática eu tivesse esquecido alguma nota, um desenho, uma coisa qualquer pessoal que lhe servisse de mensagem. Não encontra nada, nenhum sinal, nada senão palavreado de aluno que mal escuta o chato do professor. Depois destas horas de buscas aterradas – e apesar de tudo indiscretas, pai, é verdade que morri, mas, mesmo assim... –, eis que repara de repente, em rodapé daquela convocatória que o intrigava, uma indicação escrita a lápis, em letra muito miúda. Uma